

O BRICS e as Dinâmicas Internacionais Contemporâneas: Uma Análise da Ação Coletiva e das Relações Intra-Bloco nas áreas de Segurança, Inovação e Cooperação ao Desenvolvimento

Aluna: Clara Giffoni Lemos
Orientador: Paulo Luiz Moreaux Lavigne Esteves

Introdução

Como forma de começarmos nossa pesquisa, decidimos por realizar um estudo inicial acerca do relacionamento entre os países do BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Desde o ano de 2001, os quatro primeiros países vinham chamando atenção em nível global, sendo previstos para meio século à frente como algumas das economias mais importantes do mundo. Ao longo de poucos anos, novas previsões eram proferidas e as expectativas referentes ao agrupamento se faziam crescentes, de modo que em 2006 o grupo teve sua primeira reunião informal, durante a Assembleia Geral da ONU, em Nova York. Já em 2009 os seus líderes reuniram-se em Ecaterimburgo, na Rússia, e passaram, a partir de então, a adotar medidas conjuntas bem delimitadas e políticas alinhadas em fóruns internacionais. Desse momento em diante os encontros do grupo passaram a ser específicos, denominando-se Cúpulas e possuindo datas exclusivas. Em 2011 a África do Sul aderiu ao grupo, emprestando a letra final ao acrônimo¹ BRICS [1].

O grupo, entretanto, vai muito além de ser apenas um acrônimo; manifesta transformações na constelação política internacional. Aponta, portanto, a um novo rumo no cenário mundial, deixando de lado a tendência unipolar característica do pós-Guerra Fria, em sentido a uma robusta multipolaridade. À vista disso, colabora para uma nova abertura política, constituindo um sistema internacional complexo, em que os países em desenvolvimento não somente representam novas vozes, mas também capacidade e transformar as dinâmicas da ordem internacional [2].

Tal complexidade exige uma reavaliação das dinâmicas internacionais até então vigentes. Sob esta perspectiva, o BRICS assume a reivindicação de reformas no sistema financeiro mundial, assim como a expansão de uma ordem multipolar. Desta forma, os países do agrupamento confirmam as previsões que sobre eles eram feitas no início do século, embora de modo singular. Destacam-se da massa dos países ditos “em desenvolvimento”, mas adotam caminhos de desenvolvimento sem o respaldo das prerrogativas dos países “desenvolvidos”. A particularidade no rumo seguido se comprova no fato de que superaram a crise de 2008/09 antes dos demais países, surpreendendo o mundo com taxas de crescimento beirando ou passando dos 10% ao ano, de modo que se colocam como responsáveis por maior parte do crescimento global.

Este contexto proporcionou forte inserção no cenário internacional de cada país do BRICS, o que se faz tema de nosso estudo. Dentre estes países, aquele que mais pode se destacar

¹ O acrônimo foi sugerido por Jim O'Neill, pesquisador-chefe em economia global da Goldman-Sachs, em 2001. Naquele momento ainda não incluía a letra 'S' de “South Africa” ao final, visto que a ascensão da economia sul-africana não alcançava índices similares aos demais países do referido grupo até o momento.

é a China, sendo o que mais ganha espaço na arena mundial devido a, principalmente, seu desempenho econômico. Tendo isso em vista, optamos por estabelecê-la como ponto focal na pesquisa. Assim, definimos que, em um primeiro momento, lançar-nos-íamos em busca de métodos chineses de inserção na economia global. Para tal, observaríamos as formas como o país se projeta economicamente, dando ênfase a formas de cooperação.

Com isto em pauta, identificamos que importante meio para esta projeção são fóruns regionais, nos quais a China estabelece relações de cooperação com demais países em delimitado espaço geográfico; como o Fórum da China e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Fórum China-CELAC), o *Forum on China-Africa Cooperation* (FOCAC) e o Fórum para a Cooperação Econômica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Diante disto, utilizamos o estudo das relações chinesas nos fóruns para analisar a crescente presença de sua influência nos demais países pertencentes às plataformas.

Objetivos

Como objetivo geral, intentamos acompanhar o avanço da inserção chinesa no cenário econômico mundial, monitorando os investimentos da China na Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), em países africanos pertencentes ao FOCAC e nos Países de Língua Portuguesa.

Como objetivos específicos, tivemos em mente a análise do significado da presença chinesa em tais países destacados, buscando identificar as áreas em que o investimento se dá e comparando os fluxos econômicos e comerciais da China e do restante do mundo para esses países, e aprofundar o estudo dos impactos das ações chinesas em suas relações multilaterais.

Metodologia

Em termos de recorte temporal, inicialmente abordamos os países BRICS no período que sucede a cunhagem do termo pela Goldman-Sachs (de 2001 em diante). Utilizamos o método comparativo para analisar as práticas dos países BRICS em temas de cooperação ao desenvolvimento, com foco no fluxo de investimentos que parte desses países. Uma vez isto feito e o protagonismo chinês sendo identificado, com a finalidade de refinar nosso estudo delimitamos a China como ponto focal, debruçando-nos sobre a análise das tendências de investimento chinês.

Aprofundando-nos neste âmbito, em termos de recorte de áreas de influência, delimitamos os três fóruns – China-CELAC, FOCAC e Macau – como referência e passamos ao estudo de cada fórum. Analisamos estruturas organizacionais, objetivos, países membros, fluxos comerciais e financeiros, setores em destaque, projetos em pauta e reuniões recentes.

A partir disso, construímos uma tabela comparativa com os destaques: investimento externo direto (FDI), empréstimos, ajuda ao desenvolvimento/cooperação Sul-Sul, importações e exportações. Fizemos pesquisas em diversos bancos de dados, as principais fontes sendo *The World Bank* [3], *World Trade Organization* [4], *AidData* [5], *China Africa Research Initiative* [6] e *The Observatory of Economic Complexity* [7]. Foram recolhidos tanto dados referentes às relações chinesas quanto do restante do mundo com os referidos fóruns. Desse modo, com respaldo dos dados coletados, pudemos realizar uma análise gráfica comparativa – para isso elaborando rankings e gráficos.

Um estudo transversal, comparativo e agregado foi adotado nesta pesquisa em razão do reconhecimento de que as atividades econômicas chinesas na arena internacional possuem grande impacto. Desta forma, este método de análise presta-se ao auxílio da observação de tal impacto nos países em que a China atua em comparação com o restante do mundo, como veremos ao longo do desenvolvimento do presente estudo.

O BRICS e a Cooperação ao Desenvolvimento

Antes de nos aprofundarmos nos métodos chineses de inserção, faz-se importante observar o panorama que se instala acerca da ajuda ao desenvolvimento. Para isso, vale notar que desde o fim da Segunda Guerra Mundial foram instauradas instituições de ajuda ao desenvolvimento, como por exemplo o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o Plano Marshall – e sob tal plano foi criada, em 1948, a Organização da Comunidade Econômica Europeia (OCEE). Ao longo dos anos, esta se desenvolveu, criando o Grupo de Assistência ao Desenvolvimento (GAD) em 1960, reunindo países doadores para a formulação de parâmetros comuns. Com a transformação da OCEE em Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o GAD também se transformou, tornando-se o Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD).

Naquele período, meio à Guerra Fria e à independência de antigas colônias europeias, a ajuda ao desenvolvimento se faria importante instrumento de política externa do bloco ocidental, de modo que os esforços do CAD se pautavam em ações estratégicas contendo o avanço soviético. No ano de 1969 a divisão entre países doadores e receptores ficou bem marcada; a visão predominante era de que o Norte global era desenvolvido enquanto o Sul subdesenvolvido. Deste ano até o fim da Guerra Fria o CAD operava como um relevante instrumento para a convergência entre os países doadores. Neste intervalo de tempo, funcionava legitimando os fluxos financeiros no eixo Norte-Sul, diferenciando o que seria considerado ajuda ao desenvolvimento de demais fluxos financeiros.

Com o fim da Guerra Fria, o CAD passou por uma mudança progressiva, enfatizando a necessidade de maior integração dos países receptores à economia global. Em 1996, publicou o documento “Shaping the 21st Century: The Contribution of Development Cooperation”, em direção a uma nova estratégia. Como consequência, a concessão da ajuda seria condicionada a exigências dos países doadores, que normalmente dizem respeito a reformas institucionais nos países receptores e/ou reformas macroeconômicas orientadas ao mercado. Concomitantemente, a assistência passou a se redirecionar às próprias reformas, em detrimento de investimentos em infraestrutura econômica [8].

Todavia, países emergentes passaram a atuar no campo da ajuda ao desenvolvimento, com destaque aos países BRICS, ocupando espaço que antes era de domínio daqueles ditos desenvolvidos. Os emergentes irromperam como uma nova alternativa, tendo em vista que não necessariamente seguiam as orientações dos doadores tradicionais, haja vista que não impunham condicionalidades para a ajuda. Deste modo, as reformas políticas e econômicas, antes imprescindíveis, ficaram ameaçadas.

Indo à diante, é possível afirmar que a presença do BRICS no âmbito da ajuda ao desenvolvimento no hemisfério sul – que dá nome à Cooperação Sul-Sul – faz-se incômoda aos países considerados desenvolvidos. O grupo possui uma particularidade no que diz respeito à assistência concedida; sendo esta o caráter estratégico que assume. Este relaciona-se à dupla orientação que segue no fluxo da assistência: em sentido ao acesso a recursos naturais e a mercados. Mais uma vez o BRICS surpreende, combinando ambos os vetores e, desta forma,

alinhando práticas de cooperação à execução de uma agenda global que se dá sem intervenção nos assuntos internos dos países receptores.

Resultados e Discussões

1. Fórum da China e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Fórum China-CELAC)

O Fórum China-CELAC consiste em uma plataforma para cooperação intergovernamental entre os países CELAC e os ministros da China. Iniciado em 2014, o fórum tem como proposta criar um mecanismo formal de interação entre China e América Latina, fortalecendo cooperação econômica e política entre os dois polos da relação através de princípios de respeito, igualdade e abertura, trazendo novas contribuições para a Cooperação Sul-Sul [9].

O plano de cooperação do fórum, nomeado “China-CELAC Cooperation Plan ‘2015-2019’”, adotado no primeiro Encontro Ministerial no âmbito do fórum demonstra interesses-chave da China para estreitar seus laços com a América Latina. Dentre os pontos previstos, estão o investimento de cerca de U\$ 250 bilhões em países latino-americanos, aprofundado a cooperação em comércio e investimento. Além disso, foi expressa a meta de aumentar as visitas e encontros entre partidos políticos, governos e juventude dos países, bem como de atentar-se para a inclusão de tecnologias renováveis em prol de um desenvolvimento sustentável [9].

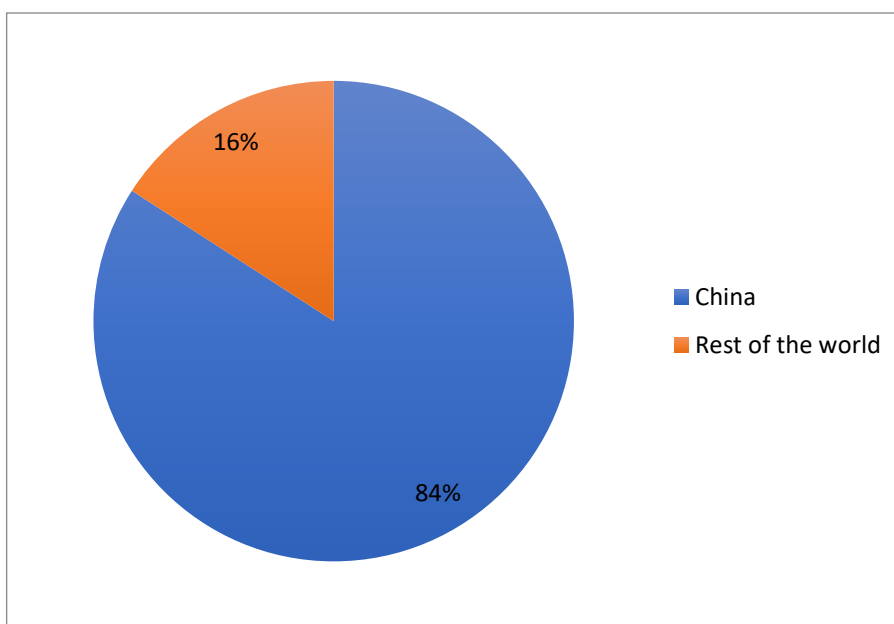


Gráfico 1: empréstimos concedidos pela China em comparação com o restante do mundo para países CELAC. 2015. Elaboração própria².

² Dados para a confecção do gráfico retirados de: https://www.thedialogue.org/map_list/

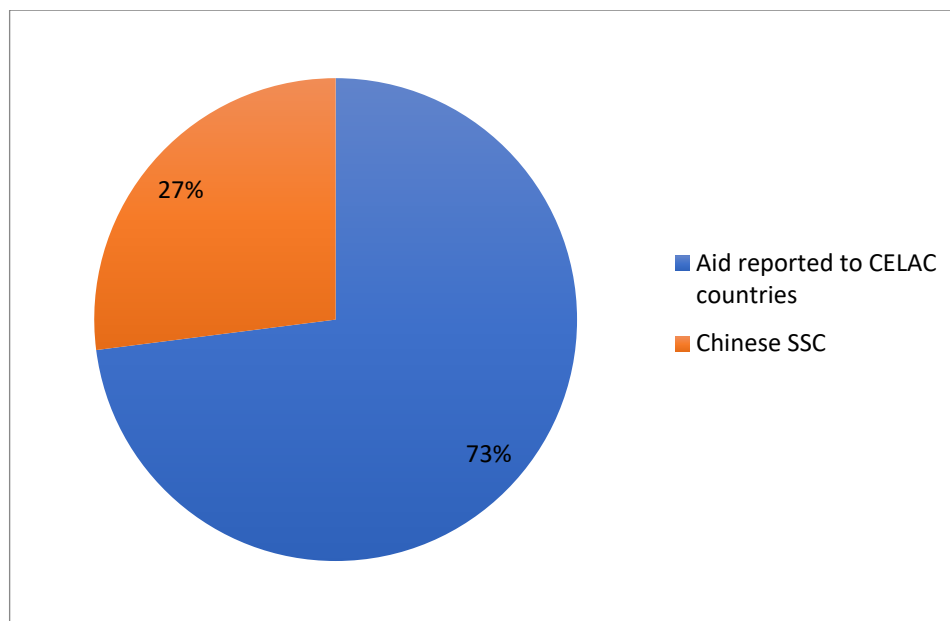


Gráfico 2: assistência concedida pela China em comparação com o restante do mundo para países CELAC. 2014 e 2015. Elaboração própria³.

2. *Forum on China-Africa Cooperation (FOCAC)*

O FOCAC é posto como um importante mecanismo para o crescimento da Cooperação Sul-Sul, chamando atenção por seus 54 países integrantes – entre esses a China. Instaurado em 2000, tem como objetivo estreitar as relações sino-africanas por meio da cooperação econômica, de forma a estabelecer uma nova ordem internacional que reflita melhor as necessidades e interesses da China e da África [10].

As competências do FOCAC abrangem comércio, investimento estrangeiro direto (*foreign direct investment – FDI*) e a Cooperação Sul-Sul. Esta última foi responsável por captar, no período entre 2000 e 2013, 54 projetos em 28 países, de modo que cada vez mais as instituições financeiras chinesas expandem seus interesses sobre a África. Entre as áreas que se destacam estão [10]:

- Agricultura: a China desenvolve projetos e investimentos, como o “Agriculture Leads to Prosperity” em cem vilas africanas. Ainda, o país intenta modernizar as técnicas agrícolas africanas, de modo que envia times para a realização de treinamentos e para a demonstração de novidades tecnológicas.
- Saúde: além de enviar trabalhadores da área médica para a África, a China contribui com parcerias para o desenvolvimento de projetos no mesmo âmbito, como a “New Partnership for Africa’s Development”.
- Cultura: há a previsão de que os chineses estabeleçam centros de “Culture Training Bases for Africa” e desenvolvam – como já o fazem – festivais envolvendo a juventude, como o “Meet Beijing” e o “Voyage of Chinese Culture to Africa”.

³ Dados para a confecção do gráfico retirados de:

<https://data.worldbank.org/indicator/DT.ODA.ALLD.CD?locations=CR-JM-MX-KN-PA&start=2015> e http://china.aiddata.org/projects?active_string=Active&dir=asc&donor_name=China&is_stage_one=Is+not+Stage+One&order_by=year&page=81&published_string=Published&recommended_research_string=Recommended+For+Research

- Educação: a China provê treinamento vocacional e técnico local para mais de 200.000 africanos e abre oportunidades na própria China para receber estudantes; grande exemplo disso é o esforço para estabelecer Institutos Confucius.

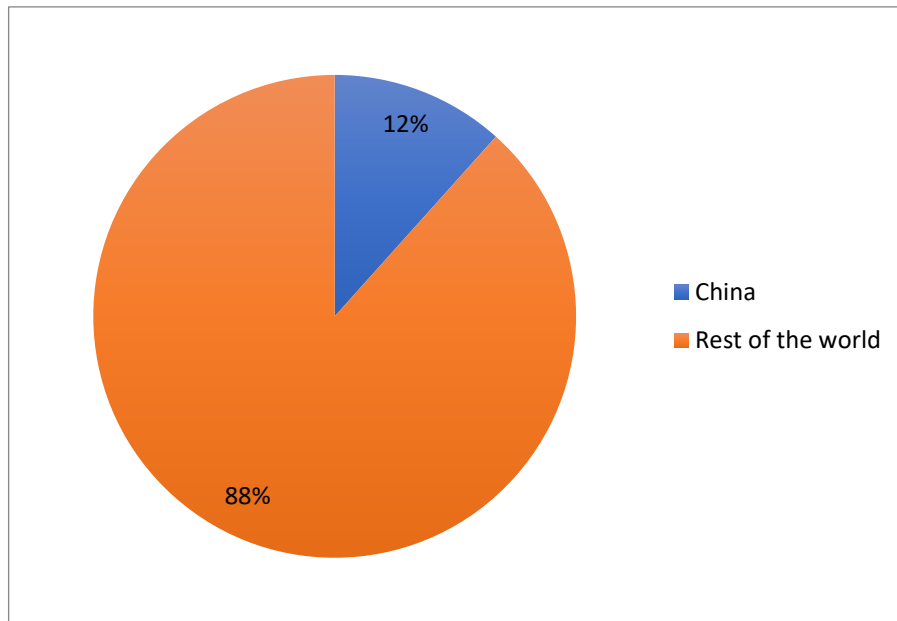


Gráfico 3: investimento estrangeiro direto (FDI) destinado da China a países africanos em comparação com o restante do mundo. 2015. Elaboração própria⁴.

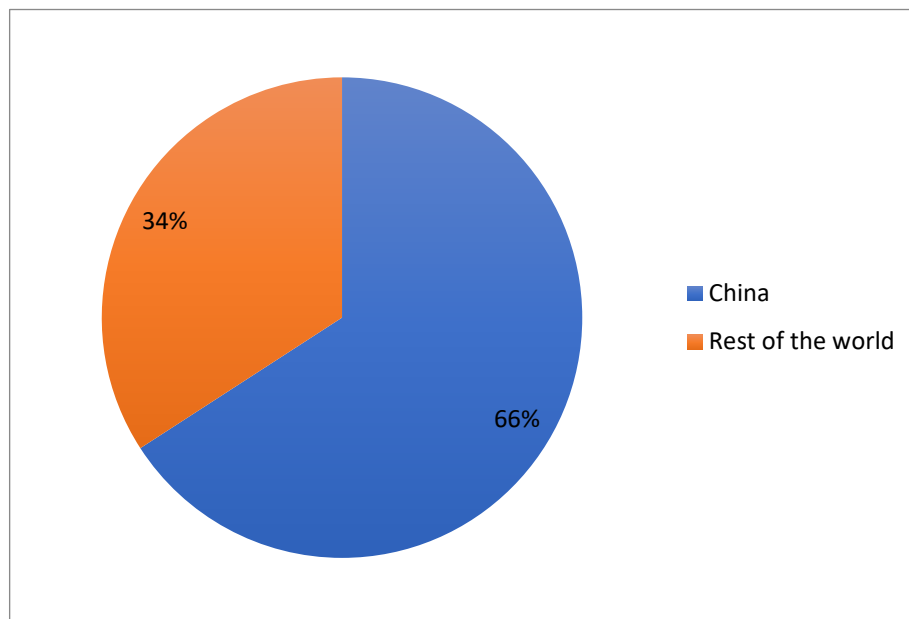


Gráfico 4: empréstimos concedidos pela China a países africanos em comparação com o restante do mundo. 2015. Elaboração própria⁵.

3. Fórum para a Cooperação Econômica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau)

⁴ Dados para a confecção do gráfico retirados de: <http://www.sais-cari.org/data-chinese-and-american-fdi-to-africa>

⁵ Dados para a confecção do gráfico retirados de: <http://www.sais-cari.org/data-chinese-loans-and-aid-to-africa>

Assim como os anteriores, o Fórum Macau é um mecanismo intergovernamental de cooperação. Criado em 2003, tem como objetivo ampliar o desenvolvimento de relações comerciais entre os Países de Língua Portuguesa e a China. Existe, inclusive, um fundo de desenvolvimento entre tais países, tendo como o valor total de financiamento, até 2013, mais de US\$ 1 bilhão, além do financiamento de projetos que visam o desenvolvimento econômico local [11].

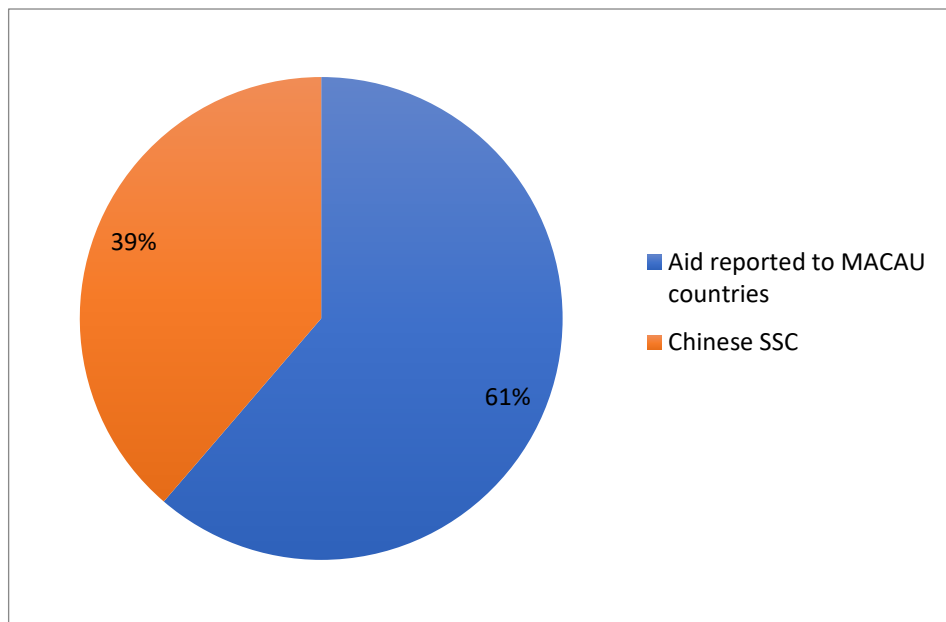


Gráfico 5: assistência concedida pela China a Países de Língua Portuguesa em comparação com o restante do mundo. 2014 e 2015. Elaboração própria⁶.

Conclusões

O estudo ainda está em andamento. Ainda assim, foi possível ter maior compreensão das dinâmicas entre os países BRICS na contemporaneidade. Ademais, identificamos que a presença chinesa se expande por diversas partes do globo no momento, com uma intensificação nos anos recentes (a última década).

Constatamos que uma das principais áreas dessa expansão são as destacadas pelos fóruns estudados: América Latina e Caribe, Países de Língua Portuguesa e África. Nestes espaços, mostrou-se notório que a presença chinesa abrange cooperação nas áreas cultural e educacional, investimento em áreas agrícolas e, principalmente, financiamento para obras de infraestrutura. O aumento dos fluxos comercial e financeiro corroboram o interesse e o apetite chinês, angariando áreas de influência nos países em que incide.

Referências

1 - GAMA, Carlos Frederico Pereira da Silva. Definindo BRICS: a recategorização do "internacional" e o questionamento do "global", para além do "revisionismo" e do "reformismo". In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2001, 3., 2011, São Paulo. **Proceedings online...** Associação Brasileira de Relações Internacionais/Instituto de

⁶ Dados para a confecção do gráfico retirados de: <https://data.worldbank.org/indicator/DT.ODA.ALLD.CD?locations=CR-JM-MX-KN-PA&start=2015> e http://china.aiddata.org/projects?active_string=Active&dir=asc&donor_name=China&is_stage_one=Is+not+Stage+One&order_by=year&page=81&published_string=Published&recommended_research_string=Recommended+For+Research

Relações Internacionais - USP, Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000100042&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 30 de junho 2018.

2 – BRICS POLICY CENTER. **Sobre: Os BRICS**. Disponível em:

"http://bricspolicycenter.org/homolog/sobre_os_brics". Acesso em: 30 de junho de 2018.

3 – THE WORLD BANK. **Net official development assistance and official aid received**, 2015. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/DT.ODA.ALLD.CD?start=2015>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2018.

4 – WORLD TRADE ORGANIZATION. **Merchandise trade**, 2016. Disponível em: <http://stat.wto.org/CountryProfiles/CN_e.htm>. Acesso em: 7 de maio de 2018.

5 – AIDDATA. **China's global development footprint**, 2014. Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/visualize/tree_map/hs92/export/chn/all/show/2015/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

6 – CHINA AFRICA RESEARCH INITIATIVE. **Data: China-Africa Trade**, 2016. Disponível em: <<http://www.sais-cari.org/data-china-africa-trade>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

7 – THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **Construa Visualization**, 2015. Disponível em: <https://atlas.media.mit.edu/pt/visualize/tree_map/hs92/export/chn/all/show/2015/>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.

8 – DEVELOPMENT ASSISTANCE COMMITTEE. **Shapping the 21st Century: The Contribution of Development Co-operation**, May 1996. Disponível em: "<https://www.oecd.org/dac/2508761.pdf>". Acesso em: 30 de junho de 2018.

9 – HØYER, Frederik Skaanning. **The China-CELAC Forum. BRICS Policy Center**. Disponível em:

em: "<http://bricspolicycenter.org/homolog/uploads/trabalhos/7230/doc/504248230.pdf>". Acesso em: 30 de junho de 2018.

10 – MACKINNON, Tara. **The Forum on China-Africa Cooperation (FOCAC)**. BRICS Policy Center. Disponível em:

"<http://bricspolicycenter.org/homolog/uploads/trabalhos/7241/doc/485741891.pdf>". Acesso em: 30 de junho 2018.

11 – GONÇALVES, Fernanda et. al. **MACAO: Forum for economic and trade cooperation between China an Portuguese-speaking countries**. Disponível em

"<http://bricspolicycenter.org/homolog/uploads/trabalhos/7260/doc/652392771.pdf>". Acesso em: 30 de junho de 2018.